

RETALHOS DE UMA EXPERIÊNCIA FEMININA: MESTRA LILI, PROFESSORA PÚBLICA DA
CAPITAL GOIANA (1858-1945)¹

Euzebio Fernandes de CARVALHO*

RESUMO

Mestra Lili (1858-1945) foi uma das primeiras professoras do estado a receber uma formação profissional para o exercício do magistério. Em 1884, ela ingressou na primeira turma da escola Normal de Goiás e aos 31 anos, recebeu sua nomeação para mestra de meninas, como funcionária pública. A partir daí, sua energia de vida afetou aquela sociedade deixando uma série de indícios que são costurados no presente texto. A partir do *Memorial de Lembrança*, escrito por Anna Joaquina (1855-1932), irmã da mestra, e das lembranças transformadas em poesia de Cora Coralina, uma ilustre ex-aluna de Lili, junto retalhos para costurar a colcha biográfica da velha mestra. Ao passo que reconstituímos traços das condições materiais para o exercício do trabalho docente naquelas circunstâncias, também evidenciamos o processo de transformação da moralidade em curso na sociedade vilaboense entre a passagem do século XIX para o XX.

Palavras-Chave: Mestra Lili; Luisa Joaquina da Silva Marques; Trabalho docente; Cidade de Goiás; História da Educação; Moralidade.

PRÓLOGO

O início é sempre um parto, algo que rumo para a vida. Palavras se abrem úmidas aos nossos olhos, fecundam nosso pensamento e, por nossas mãos, nascem como sentidos. Palavras infantis adolecem discursos e adulecem conosco, alterando a forma como vivemos e concebemos (n)o mundo. A palavra pode.

Em história, o referente da palavra é o passado. A palavra *foi*, a palavra *era*. Mas como nos ensina(ou) Roland Barthes (1915-1980), o discurso histórico não deve acreditar sê-lo (BARTHES, 2004). O passado constitui a manjedoura pobre onde

* UEG (Universidade Estadual de Goiás) - Unidade Universitária de Porangatu.

E-mail : euzebiocarvalho@gmail.com

¹Este texto nasceu de minha dissertação em História apresentada na Faculdade de História da UFG (Universidade Federal de Goiás), em 2008 (conf. CARVALHO, 2008). Uma versão anterior deste texto foi apresentado no ciclo de palestras relacionadas à exposição de fotografias “Mulheres: ritos e retratos”, organizado pelo Museu da Imagem e do Som de Goiás, em 2010.

devemos parir o discurso histórico. Nascido discurso, o passado é feito uma criança que deve viver e crescer em nosso meio.

Neste texto, aproximamo-nos da experiência histórica de mestra Lili, uma vilaboense que viveu na passagem do século XIX para o século XX, por meio da aproximação com seu cotidiano. Dos indícios frios da morte, construímos um texto quente de vida. Também somos criadores. Estamos, pois, no domínio historiográfico das sensibilidades (LANGUE, 2006) objetivando reconstituir as possibilidades dos sujeitos históricos em estar no mundo. As sensibilidades se voltam para o “núcleo primário de percepção e tradução da experiência humana” (PESAVENTO, 2003, p.56). Para isto, é central a ideia apresentada pela historiadora Sandra JatahyPesavento de que o exercício historiográfico possui entre seus objetivos capturar a força vital, a visibilidade possível, a energia da vida (*enargheia*) deixada por Lili².

Sob o título *Retalhos de uma experiência feminina*, existe a hipótese de que podemos reconstruir o passado de uma experiência individual, com diferentes possibilidades, a partir de diferentes fontes e objetivos. Em se tratando de Lili, por exemplo, esta reconstrução pode ser guiada por sua história familiar, mas poderia ser pela história da moralidade de seu tempo, ou por meio dos poucos textos fotográficos existentes sobre ela. Ou ainda, pelo nosso exercício neste texto, por meio dos registros memorialísticas de sua irmã, Anna Joaquina da Silva Marques.

RETALHOS DE ESPAÇO COSTURADOS NO TEMPO

O espaço desse texto se situa no universo semântico abarcado pelo vocábulo “Cidade de Goiás”, à medida que, além de um limite territorial, ele comportou também uma dimensão simbólica, o de capital da província – depois estado – até a década de 1930, quando ocorre a mudança da capital para Goiânia.

Dizer que a Cidade de Goiás é nosso recorte espacial nos permite certa mobilidade pelo restante da província. Em especial, em sua região central, sul e sudeste em que se limita com a província de Minas Gerais e de São Paulo. Tal divisão regional nos foi

²Neste sentido, aqui também reside um pouco da energia daquela historiadora gaúcha, uma mulher forte, combativa na defesa de seus sentidos. À sua memória dedicamos este texto.

indicada por Palacin e Borges (1979). Nesta região se localizaram os principais centros populacionais goianos, constituídos no período da mineração aurífera do século XVIII. Dentre estes, o primogênito foi estabelecido em 1726, e recebeu por nome arraial de Sant'Anna. Em 1736, foi elevado à categoria de vila, recebendo o nome de Vila Boa de Goiás (LLECH, 1976, p.191).³ Em 1819, dom João VI, assinou o decreto que a levou de vila à condição de cidade, passando, a partir de então, ser chamada de Cidade de Goiás (POHL, 1976, P.286).⁴

Depois do estabelecimento do arraial de Sant'Anna, surgiram os arraiais de Meya Ponte (Pirenópolis), em 1731; o arraial de Traíras (Tupiraçaba, hoje, um povoado pertencente a Niquelândia), em 1735; o arraial de Jaraguá, em 1737; Pilar, em 1741 e Santa Luzia (Luziânia), em 1746 (SILVA E SOUZA, 1998). Ao longo do século XVIII, trazidos à luz pela mineração do ouro, esses arraiais se tornaram os principais centros populacionais da Capitania dos Guayazes, como atesta Silva e Souza (1764-1840), em sua *Memória*, escrita no início do século XIX. Contudo, no transcorrer dos oitocentos, em decorrência da dinâmica da economia, alguns destes centros regrediram, em população e importância econômica, assim como outros despontaram. Lena Castelo Branco relata que

Exauridas as minas, o refluxo de aventureiros e mineradores não foi total. Muitos permaneceram na região, optando pelas atividades agropastoris, o que levou à redistribuição da população por engenhos e fazendas e à reestruturação da economia e da sociedade em novas bases, com feição agrária e conservadora (COSTA, 1978, p.70).

Com a passagem da economia mineradora para a agropastoril, a região compreendida pelo centro, sul e sudeste da Província, no final do século XIX, foi palco de expressivo progresso econômico, o que trouxe à luz novos centros populacionais, como Currealinho (atual Itaberaí), Alemão (Palmeiras), Anápolis, Bela Vista, Campo Formoso, Ipameri, Morrinhos, Catalão, Rio Verde e Jataí (TOURNIER, 1913). As duas últimas situadas no sudoeste goiano, na direção da fronteira com província de Mato Grosso.

³ O Decreto de elevação a condição de vila data de 1736, mas sua se deu em 1739 (LLECH, 1976. p. 191).

⁴ Ao regressar do norte da Capitania, em 1819, Pohl (1976, p. 286) registra a mudança de status político da capital: “em 6 de dezembro, entramos em Vila Boa, que durante a nossa ausência fora elevada a cidade sob o nome de Cidade de Goiás”.

No início do século XX, o povoamento encontrado no estado de Goiás foi, sobremaneira, diferente. A partir de 1912, com a penetração da estrada de ferro em solo goiano, as regiões sul e sudeste conheceram uma significativa transformação. As cidades de Catalão e Ipameri se tornaram, principalmente, de forma quase instantânea, os mais importantes centros comerciais e industriais, centrifugares da modernidade em território goiano (COELHO, 2004, P. 13). Neste quesito, suplantaram, inclusive, a capital do estado, que, diante da nova conjuntura, passou a ser enquadrada como “antiga”, o que, possivelmente, fortaleceu a alcunha “Goiás Velha”. Com a transferência da capital para Goiânia, ápice e ícone daquele processo de modernização, o epíteto “velho” tornou-se ainda mais incrustado na identidade da Cidade de Goiás.

RETALHOS DE VIDAS COSTURADOS POR PALAVRAS

Acompanharemos de forma pontual algumas pessoas que viveram na Cidade de Goiás, entre a passagem do século XIX para o XX. Para este fim, utilizaremos uma importante fonte documental manuscrita. Trata-se do *Memorial de Lembrança*, escrito por Anna Joaquina Marques, uma fonte informacional bastante rica sobre a sociabilidade da vilaboense e sobre o cotidiano da família da autora. O *Memorial* foi escrito ao longo de quase cinquenta anos, de 1881 a 1930.

No ano em que Anna Joaquina iniciou a redação de seu *Memorial de Lembrança*, a Cidade de Goiás gozava da atenção de todo o interior e usufruía os privilégios implícitos à condição de “berço da cultura goiana” (SOUZA FILHO, 1981).⁵ Era, por isto, o centro irradiador dos costumes, valores e práticas importadas do litoral brasileiro. Notadamente da Corte Imperial, sediada na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, que por sua vez, difundia os costumes “civilizados” importados do continente europeu, em especial, da França.

Em se tratando da elite vilaboense, poderíamos nela incluir algumas famílias que, mesmo privadas de poder político e econômico, eram detentoras de “tradição”, um poder simbólico tão valorizado ou mais que outros, na Cidade de Goiás. Segundo a

⁵A ideia de que a Cidade de Goiás funciona como um centro difusor de sua cultura também foi utilizada por Brandão (1977).

poetisa Cora Coralina (1889-1985), estas famílias eram os lugares “De velhos preconceitos / – orgulho e grandeza do passado. / Opulência. Posição social. / Sesmarias. Escravatura. / Caixas de lavrado” (CORA CORALINA, 1993, p.60).

Em seu estudo sobre a permanência da família Caiado ao longo da história política de Goiás, Miriam Ribeiro constatou a importância que um “sobrenome ‘tradicional’ nas relações sociais presentes na vida urbana e rural” (RIBEIRO, 1996, p.133). Em Goiás, a pesquisadora identificou alguns nomes de famílias tradicionais: Fleury Curado, Jardim, Moraes, Gouveia, Jubé, Rocha Lima e Albernaz. Neste sentido, afirmou que estas famílias foram sobrepujadas por três outras: os Bulhões, os Caiado e os Ludovico de Almeida. Estas famílias foram pontos magnéticos em torno dos quais girou o poder político goiano, entre a segunda metade do século XIX e XX.⁶ Algumas delas consolidaram seu poder a partir da propriedade rural. Durante a República Velha, por exemplo, os Castro, Alencastro, Amorim e Veiga Jardim, “famílias de fazendeiros”, intervieram politicamente em Goyaz (RIBEIRO, 1996, p. 133).

Esta elite vilaboense tradicional constantemente lançou mão do passado minerador, do “velho tempo que passou”, no qual havia “ouro em profusão, / posto a secar em couro de boi. / Crioulinho vigiando de vara na mão / pra galinha não ciscar” (CORA CORALINA, 1993, p.62).

Em 1881, Joaquim Moraes (1834-1895) que foi presidente da província de Goyaz, em seus *Apontamentos*, concordava com a afirmação feita por outro presidente, Couto de Magalhães, que também governou Goyaz, entre 1863 e 1864. Joaquim Moraes confessa que, de início, achou a afirmação um pouco exagerada. Mas que caminhando pela capital, sempre ouvia dos vilaboenses:

Aqui já *houve* uma *fábrica* florescente de tecidos; este caminho (o da Carioca) já *foi* uma bonita chácara com um magnífico pomar. E assim por diante, encontrando-se por toda a parte muros caídos e outros restos das passadas grandezas! § E depois de tudo isto dizia eu comigo mesmo: – Couto Magalhães tem razão; Goiás é a cidade do que foi! (MORAES, 1995, p.112).

⁶O clã Caiado, caso específico do estudo de Ribeiro (1996), ao longo de dez gerações, faz-se presente no cenário político goiano.

Enquanto um traço cultural da Cidade de Goiás, o Visconde de Taunay, em sua obra *Goyaz*,⁷ informa que a transformação “difícil” dada na província de Goyaz, de zona “metallurgica” em zona agrícola, produziu “o apêgo que todo goyano tem á terra em que nasceu. Pódeachal-a tristonha, entorpecida, isolada, mas ama-a com todas as forças do coração” (TAUNAY, 1931, p.13).

O bispo dom Eduardo Duarte Silva (1852-1924), sucessor de dom Cláudio Ponce de Leão, em sua obra autobiográfica *Passagens*, falando sobre as alterações que mandou proceder na igreja da Boa Morte, para separar o presbitério do corpo da igreja, confessou sua contrariedade com o “povo goiano, muito aferrado às suas tradições, sejam elas quais forem”. O bispo nos conta que, mandado proceder a novo “melhoramento” na igreja, alguém se irritou e perguntou ao operário que lá trabalhava: “Quem mandou fazer isto?” “Foi o bispo”, respondeu aquele. “E a igreja é do bispo para que ele esteja a mandar o que lhe apraz?” (SILVA, 2007, p.93).

Esta passagem nos releva os dois lados da religiosidade católica que, naquele momento, contrapunham-se na Cidade de Goiás: a do vilaboense que, ao considerar a igreja como seu patrimônio, questionou as atitudes do bispo e este que se espantou com a atitude “fora da linha” do vilaboense, ao se considerar, naturalmente, possuidor de autoridade para tanto (CARVALHO, 2008, p.73).

Diante do que foi apresentado, podemos afirmar que Anna Joaquina Marques, a autora do *Memorial*, não foi uma mulher pobre, mas também não participou das elites de seu período. Não herdou tradição, nem recebeu sobrenome “de família”, como se dizia popularmente. Como se “família” pudesse significar apenas os laços de parentesco das pessoas da elite. Logo, todos os “comuns” seriam sem família?

RETALHOS FAMILIARES.

⁷Eleito pela segunda vez como representante da província de Goyaz, na Câmara dos Deputados, Alfredo Maria Adriano d’Escagnolle Taunay (1843-1899), célebre autor d’“A Retirada da Laguna”, e do proto-romance regionalista, “Inocência”, produziu uma memória, por meio da qual, representou a província goiana na feira universal da Filadélfia, realizada em 1876, em comemoração ao centenário da independência dos Estados Unidos da América. Intitulada “Goyaz”, esta memória teve sua primeira publicação pela Imprensa Nacional, naquele mesmo ano (CARVALHO, 2008, p.31)

O discurso parido neste texto traz à vida retalhos da experiência histórica de uma mulher. Este texto se pretende bem cuidado, vestido, pintado, belo, como convém a uma celebração da morte na vida. Ele está grávido, úmido, desejoso de sentido útil. Está forte, resistente como aprendemos com aquelas mulheres que estudamos: mestra Lili, a querida Aninha, a grande mestra Nhola, e a mãe de todas: dona Luisa. Todas mestiças, essas mulheres viveram numa sociedade que se queria bem dividida, com seus espaços sociais bem definidos e clareados. Viveram em tempo de moral forte e rígida, como viveu e nos contou Cora Coralina, mas de funcionamento mais complexo do que quer o discurso historiográfico vigente.

O funcionamento dessa moral, ainda tão pouco entendida pelos historiadores, espalhava-se numa cidade cheia de becos, materiais e metafóricos. O discurso da moral era forte, racionalizador, pois se voltava para regulação das relações sociais. Mas a sociedade sempre foi mais que o seu discurso. Assim como as águas das chuvas, o discurso da moral vilaboense, acabava por escorrer pelos becos, fazendo-se a vida vencedora. Apesar de tão burilada e apresentada, era uma moral de fachada. Afinal, não é a vida sempre maior, em suas trocas, traduções e negociações do que ‘o que deveria ser’? A possibilidade e validade, espero eu, da argumentação aqui desenvolvida, deu-se, entre outras coisas, pela observação da família de mestra Lili.

A família de mestra Lili viveu no tempo da antiga capital de Goyaz, no período em que ainda era grafado com ‘y’ no meio, como cantou o poeta Leo Lynce dos tempos modernos das letras goianas. Lili e suas irmãs nasceram em meados do século XIX.

Dona Luisa deu seu nome à filha caçula que nasceu em nove de março de 1858⁸. Foi pelo apelido carinhoso “Lili”, que a mestra aparece referida no *Memorial de Lembrança*, da irmã Anna Joaquina. À semelhança desta, somente veio a receber o sobrenome paterno “Marques” no transcurso de sua vida porque, como consta em seu registro de nascimento, foi nascida “filha natural”. Por isto, o nome do pai não consta

⁸28 d’Abril § (registro d’outro nascim.to) § aos vinte e oito dias do mês de Abril, de mil oitocentos e cinquenta e oito baptiseisolemnemente e pus os Santos oleos á innocenteLuisa, filha natural de Luisa Joaquina da Silva, nascida á nove de Março findo; foi Madrinha Nossa Senhora da Conceição, e padrinho o Tabellião José Joaquim de Sousa, e para constar fis este. § O coadjutor P.e José Iria X.er Serradourada” (DIOCESE DE SANT’ANA DE GOIÁS, n. 8, 1858, folha 222). Os documentos históricos citados neste texto foram transcritos *ipsis litteris*, isto é, conforme o original.

no registro, somente o da mãe. Os motivos serão expostos adiante. Assim, em vida, o nome da mestra foi constituído Luisa Joaquina da Silva Marques.

Antes de mestra Lili, nasceu Anna Joaquina da Silva Marques (1855). Era chamada Aninha, a curiosa mulher vilaboense que durante cinquenta anos registrou o cotidiano de sua família e da cidade em que viveu, em seu extenso *Memorial de Lembrança*.⁹ Antes de Aninha, nasceu Maria Luisa (1851), ou Mariquinha, como foi tratada na escritura da irmã. Foi a única mulher da família que se casou. Entre os demais encargos do casamento, muito sofreu com a doença mental de seu marido, como podemos acompanhar pelo *Memorial*. Antes de Mariquinha, nasceu Pacífica Josefina, a famosa mestra Nhola, professora de primeiras letras que imprimiu marcas na memória histórica da Cidade de Goiás e que ainda se fazem presente. Certamente, foi pela influencia desta que Lili se tornou também se tronou professora de primeiras letras. Antes de Nhola, nasceu Antônio Luiz (1844), ou o “Totó”, única figura masculina mais presente no cotidiano de mestra Lili. E antes de todos, nasceu nos idos de 1835, Esmira, a irmã mais velha.

Toda essa prole descendeu da matriarca Luisa Joaquina da Silva, ou “dona Luisa”, nascida em 1818, como somos levados a crer. Mulher forte, pariu mestra Lili aos 40 anos, idade que para se fazer mãe era menos rara no século XIX do que em nosso presente histórico. As cinco filhas e um varão foram tidos com diferentes homens que passaram por sua vida, mas que com nenhum se casou.

Sua primogênita, Esmira (1835), foi tida aos 17 anos, de tal cuiabano, possivelmente, comerciante. Os filhos seguinte de dona Luisa, Totó (1844), Nhola (1846) e Mariquinha (1851), nasceram do envolvimento de dona Luisa com o distinto senhor Antônio José de Castro (1804). Militar (Furriel de Dragões), foi escolhido para se tornar o professor que introduziu o método do Ensino Mútuo, na Província, em 1827. Foi proprietário da importante Santo Antônio, fazenda registrada sob o n. 122, do livro de registro de terras de 1858 e senhor de muitos escravos. Em 1858, Antônio de Castro se tornou juiz substituto municipal da capital. Sendo tratado pelos títulos de tenente coronel, costume comum tido para os homens importantes. Foi um dos mais votados para a Assembleia Legislativa Provincial de 1856. Isto demonstra o caráter público de sua pessoa. E este importante senhor era oficialmente casado com Dona Maria da

⁹Disponível para consulta no Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central da PUC-GO.

Conceição Gomes de Castro. Toda esta pompa não significou uma barreira social para o relacionamento de Antônio José de Castro com dona Luzia. Com ela teve três filhos registrados como filhos naturais (CARVALHO, 2008, p.120). Dos três foi mestra Nhola que mais ganhou relevo na sociedade vilaboense. Talvez em decorrência da profissão herdada do pai. Sua situação de filha natural era do conhecimento público na capital. O fato de ser filha de Antônio Jose de Castro, mesmo sendo bastarda, não foi um empecilho para que mestra Nhola fosse reconhecida profissionalmente enquanto professora particular de primeiras letras. Pelo contrário, acreditamos, foi justamente um facilitador.

Por isto, acreditamos que ser um “filho natural” não representava maiores problema para os vilaboenses daquele período, a despeito do que pode nos fazer imaginar a tradição e a memória histórica. Aliás, ao longo do século XIX, as relações ilícitas na Cidade de Goiás constituíam uma prática mais comum do que somos levados a acreditar.

Após o rompimento da relação de dona Luisa com o senhor Antônio Luiz de Castro, ela teve mais duas filhas: Aninha e Lili, memória da qual, ora fazemos. As duas foram frutos de seu envolvimento, também ilícito, como o senhor Pio Joaquim Marques. Ele também um homem público, bastante atuante em sua época. Em grande medida, suas relações sociais muito deveram ao fato de ter sido padre e, depois, cônego, ou seja, um clérigo responsável por determinadas funções na catedral e bem próximo ao bispo local.

Esta informação, para além das nuances sensacionalistas que o presente pode lhe dar, revela-nos que a moralidade e a sociabilidade dos tempos de mestra Lili se apresentam de forma mais complexa do que nos ensina a história. Dona Luisa, em sendo uma mestiça sem grandes heranças genealógicas e desprovida do conforto de uma família tradicional, conseguiu ao longo de sua vida, garantir suas condições materiais de sobrevivência, a si, e à sua descendência. Aliás, que lhe foram de muita valia. Ao final de sua vida, dona Luisa contava com o conforto possível à mãe de duas mulheres professoras e de um filho que se beneficiava da herança paterna. Antes de tudo, a história de seus envolvimento afetivo-sexuais garantiu-lhe sobrevivência, o que ainda orienta a maioria de nossas vidas a cada manhã despertada.

Novo século XX, os valores eram outros. A sociabilidade, após o triunfo dos valores burgueses, do liberalismo, das reformas católicas, todas em curso na segunda metade do século XIX, mudou muito o panorama social no século seguinte.

Um resíduo de memória de mestra Lili foi colhido em uma entrevista com dona Augusta Jeanneti (1936-?) que quando criança conviveu com a mestra. Afirmou-nos que, em 22 de junho de 1945, quando tinha por volta de nove anos, presenciou a morte da mestra: “Era noite e a ‘vó’ Benedita chorava”¹⁰. Em sua atividade memorialística, Dona Augusta nos trouxe um dado revelador da transformação da moral vilaboense. Contou-nos que Lili tinha por costume pentear os cabelos da velha Augusta, mãe biológica de Benedita. Vez ou outra, ao reclamar da dor causada pela escova que lhe puxava os cabelos, possivelmente já senil, Augusta ralhava com Lili, chamando-a de “filha de padre”. O que muito contrariava mestra Lili.

O que era um fato corriqueiro para a sociedade dos oitocentos, transformou-se em “ofensa”. Esta confidência de dona Jeanneti mostra que os valores e costumes vilaboenses, no advento do século XX, haviam se transformado. Agora, ser chamada “filha de padre” era quase um xingamento. Não era mais algo comumente aceito, como fora no passado. A nova temporalidade do século XX, regida por uma moral diferente, quis afastar a antiga, mesmo que o passado esteja ainda vivo e perto.

Possivelmente, Anna Joaquina e suas irmãs, em suas velhices, também presenciaram esta transformação. Eram, pois, pessoas de outra temporalidade, em um novo tempo. Vinham de um século, cujas certas práticas o presente não queria memória, nem perto. O presente passou a re-ler o passado e limpou sua memória de certos incômodos, quase a força.

Alguns aspectos da biografia de “Mestra Inhola”, escrita por Célia Brito, por exemplo, podem ser compreendidos em decorrência desta transformação. Em sua biografia, a autora omitiu a presença da mãe de Nhola. Não citou seu nome, não lhe fez

¹⁰JEANNETI, Augusta. *Augusta Jeanneti*: depoimento [06 jun. 2002]. Entrevistadores: Antônio Pinheiro e Euzebio Carvalho. Goiânia, GO, 2002. A vó a que ela se refere foi criada como filha pela família de Lili. Nhola tomou Benedita para criar como filha quando esta era uma pequena criança. Depois do falecimento de Nhola (1933), a mãe biológica de Benedita [Augusta Gonçalves da Costa] juntamente com o marido [João da Costa Oliveira] e pai de Benedita, mudaram-se para a casa de Lili para conviver com a filha Benedita. Nenhum dos familiares de mestra Lili deixou descendente. Apenas a criada Benedita casou-se e teve filhos. Foram os descendentes de Benedita que herdaram o patrimônio da família de dona Luisa, incluindo aquele construído por mestra Nhola e mestra Lili. Inclusive, a nossa informante, dona Jeanneti descendia de Benedita.

memória (BRITO 1974). Seria por que, se o fizesse, entraria nos meandros de outros valores, de práticas pretéritas que o presente da década de 1970 estranharia? Se o fizesse, teria que explicar o fato da mãe de Nhola, dona Luisa Joaquina, não ter se casado com o seu pai, Antônio José de Castro, e deste ter sido, concomitantemente, casado com outra mulher. Teria que explicar a experiência feminina de dona Luisa que, ao longo de sua vida, relacionou-se com vários homens e não deixou de receber o amor e o respeito do filho e filhas? Que o fato de serem naturais não impediu que seus filhos conseguissem sobreviver, viver e até desfrutar de relativo poder e status social, como foi, em específico, o caso de mestra Nhola e de mestra Lili? Como o presente de Brito receberia tais informações?

Possivelmente, Brito temeu que o presente não compreendesse estas informações e que elas maculariam a história de sua biografada. Como explicar para as pessoas do presente que alguns dos “grandes vultos femininos” do passado tiveram “origens tortas”? Apesar dessas perguntas exigirem uma argumentação específica, podemos apontar que a reforma ultramontana, ao logo dos oitocentos, foi um dos processos responsáveis pela construção dos novos costumes e valores para a sociedade vilaboense. Articuladas com outros processos, estas reformas construíram uma nova temporalidade que releu muitas práticas do passado e as submeteu ao silêncio da memória e da história, como foi o caso da moralidade.

RETALHOS MEMORIALÍSTICOS, COSTURA HISTÓRICA

Como dito, Mestra Lili foi a mulher mais nova de uma família onde o sentido feminino fez-se singular: uma família de mulheres. O único homem que lhe foi mais próximo foi seu irmão Totó. No curso de sua vida, outros homens foram transeuntes: cunhados, pretendentes, amigos, convivas. Não se casou, como melhor convinha ao exercício do magistério, segundo o entendimento da época. Por ser professora, além de se proteger do discurso machista da “moça-velha” ou da “tia solteirona” que não se casou, também era possível construir uma subjetividade e uma experiência histórica independente do senhor, do marido, do falo. Não casar, também era uma forma de fazer-se livre, independente, senhora de seu destino (na medida da possibilidade em se viver

numa sociedade fortemente marcada pela tradição e, portanto, machista e sexista, como a existente no sertão brasileiro).

Para melhor dimensionar o *status* social conquistado pela mestra Nhola e sua irmã Lili, e a importância desta conquista, devemos inseri-las na perspectiva histórica das relações de gênero. A atividade docente foi um dos raros meios sociais que possibilitou às mulheres, da segunda metade do século XIX, o acesso à esfera pública, notadamente masculina. O magistério foi uma das primeiras atividades permitidas às mulheres fora do domínio do lar. O chamado “processo de feminização do corpo docente” primário (claramente percebido na maioria das sociedades ocidentais a partir de meados do século XIX) foi um dos fatores responsáveis pela desvalorização da profissão docente, segundo Nóvoa. Desta forma, à medida que a mulher começou a conquistar o espaço na esfera pública, por meio do magistério, a sociedade, masculinizada e machista, reagiu desvalorizando a profissão docente (NÓVOA, 1991, p.109).¹¹

No Brasil, o processo de feminização do ensino primário e sua consequente desvalorização, ocorreu entre os anos de 1870 e 1930. Acreditamos que em Goiás, num primeiro momento, como nos mostra os exemplos de mestra Nhola – de certa forma mais consistente que o de mestra Lili – o acesso ao magistério primário garantiu às mulheres não somente a sobrevivência, mas também a conquista de prestígio e de poderes.

Lembramos que a consolidação do estado brasileiro necessitou da construção de uma identidade nacional e que tal tarefa foi atribuída ao ensino primário. Consequentemente, ocorreu a expansão da educação primária, considerada pelas “classes dominantes um instrumento privilegiado para produzir uma identidade nacional que atingisse o objetivo da integração”. Na segunda metade dos oitocentos, moldada pelos ideais positivistas, a elite intelectual propagou a identidade feminina da “mãe educadora”. Assim como a enfermagem, a docência foi compreendida como uma profissão que passava pelo “cuidado com o outro” - um atributo, essencialmente, feminino. Daí à feminização do ensino primário foi um passo inevitável: o cuidado e a

¹¹. Por ser uma das primeiras atividades femininas a lhes garantir independência, o magistério foi tomado pela imensa demanda, transformando-se, quase exclusivamente, em uma “atividade de mulher”. A feminização do magistério será um obstáculo à melhoria do estatuto econômico e social do ensino primário, pois o salário é visto como suplementar e não como renda principal da família, visto que a situação ocupada pelas mulheres na hierarquia social é mais determinada pela posição de seus maridos que por sua própria atividade profissional (NÓVOA, 1991, p. 127).

educação das crianças foram considerados extensão das atividades já realizadas pelas mulheres em seus lares (BATISTA; CODO, 1999. p. 64).

Como dito, Anna Joaquina, irmã da mestra Lili, produziu ao longo de cinquenta anos, entre 1881 e 1930, uma série de registros sobre o seu cotidiano e de sua família na antiga capital de Goiás, intitulado por ela de *Memorial de Lembrança*. Existem nesses escritos ecos dos acontecimentos sociais de sua cidade. São registros de práticas religiosas católicas, das festas, dos eventos políticos. Acompanhando o *Memorial*, nos aproximamos de vários acontecimentos históricos aprendidos em nossa vida escolar: o fim da escravização, a proclamação da República, o cenário violento e agitado da política goiana, a dança dos poderes entre as principais famílias, a chegada do cinema, as transformações no espaço urbano, a passagem da coluna Prestes e sua agitação consequente. Santa Dica chegando à Cidade com seu exército de fieis em defesa dos valores e interesses locais... e por aí prossegue.

Contudo, propusemo-nos neste texto, a partir do *Memorial*, perceber como Anna Joaquina registrou fatos relacionados à sua irmã mais nova. Este procedimento revela mais uma textura de nossa colcha histórica: a Lili construída por meio da pena da irmã memorialista e a mestra Lili também aqui construída por nossas palavras.

Quando Aninha começou a escrever seu *Memorial* (1881), Lili tinha 23 anos de idade. Três anos depois, em 1884, ela ingressou na primeira turma da escola Normal de Goiás. Sua irmã registrou: “Dia 27 [maio de 1884] Lili entrou p.aescolla normal”¹².

Aos 31 anos de idade, recebeu sua nomeação para mestra de meninas. À época, não havia os concursos públicos de nosso tempo: “[Dia] 9 [de julho de 1889] O T.e.C.olAntonio José Caiado nomeou Lili p.a mestra de meninas em lugar da D. Maria Ciriaca Ferreira. [Dia] [...] Denoite Nhola e Lili forão agradecer o Caiado a nomeação.” Quatro dias depois, a mestra iniciou de fato seu ofício: “[Dia] 15 Lili deu escola p.la 1ª vez”.

A formação profissionalizante era um fato inédito no cenário da educação goiana. A professora Lili fez parte da primeira turma de professoras que receberam uma formação especializada. Os professores e mestras de antanho receberam todos uma formação prática. Sua irmã Nhola, por exemplo, aprendeu o ofício do magistério com o

¹² As citações do *Memorial* foram transcritas respeitando a grafia original.

pai, Antônio José de Castro. Assim ocorreu com as outras professoras do século XIX, como nos conta a professora Maria das Graças Cunha Prudente, em sua dissertação em história, na qual pesquisou a inserção das mulheres professoras na Instrução Pública na Cidade de Goiás, no século XIX (PRUDENTE, 2009).

Certamente, o exemplo profissional de mestra Nhola foi definidor da escolha de Lili em também ser professora. Em diversos momentos do *Memorial*, percebemos a proximidade entre as duas irmãs, para além da vida cotidiana e familiar: “[Dia] 19 [de julho de 1889] Nhola deu escola em caza onde é escola de Lili hoje p.r q’. aqui estava aterrando avaranda.”

Por meio do *Memorial*, percebemos outras práticas relativas à educação: “[Dia] 10 [de dezembro de 1889] A D. Mariq.^a Marimbondo veio aqui falar com Lili q’. aceitasse Nanninha com adjunta da escola.” Seria Nanninha uma aprendiz da mestra? Podemos perceber também outras dimensões do cotidiano, que, dificilmente nos chegariam por outras fontes documentais que não as memorialísticas: “[Dia] 17 [de janeiro de 1890] Eu fui dar escola em lugar de Lili q’. esteve com dor de dente. n’essa noite Eu e Nholafomos emcaza de Ritta dar pezames. depois fomos beijar Senhor dos Passos.” A crise de dor durou mais alguns dias e Aninha continuou substituindo a irmã.

Como percebemos, o espaço escolar amalgamava-se ao religioso, ao social e ao espaço das práticas femininas. Na escola, recebiam visitas de cunho político, administrativos, religiosos e afetivos: “[Dia] 14 Toto Fogaça f.º de D. Benigna veio despedir de Nhola, Lili nas escola e de mim aqui.”

Em 1891, em um artigo intitulado *Religião e Indústria*, publicado no jornal *Estado de Goyaz*, foi salientado o valor da escola de “Mestra Nhola, D. Pacífica Josephina de Castro” e também de sua irmã “Luisa Joaquina da Silva Marques”.¹³

A escola era um espaço com múltiplas possibilidades. Após a proclamação da República, fica mais do que claro que se torna um lugar de exercício de outras obrigações cívicas: “[Dia] 2 [de novembro de 1895] fomos vêr cazam.to civil na escola de Lili q’. Toto é juiz fez o cazam.to de Umbilinaf.a do Malaquias com um cabo do B.m 20” ou em um registro da semana seguinte: “Dia 10 [de novembro de 1895] de

¹³RELIGIÃO e indústria. *Estado de Goyaz*, Cidade de Goiás, 27 jul. 1891. Não paginado. Microfilme. Hemeroteca. IPEHBC/UCG.

Novembro Cazou-se Amanda com (o Aspeçada) Abias; o cazam.to civil foi na escola de Nhola, e o Religiozo na Igreja do S. Francisco depois do cazam.to dansou-se 2 quadrilha as 8 ½ horas da noite levou-se o Noivado em caza (na rua da Abadia)”. A escola era também um espaço para as manifestações culturais e religiosas, como podemos perceber por meio do registro referente ao domingo, 18 de julho de 1899: “Dia 18 Domingo os Congosinho vierão dançar na escola de Lili veio m.ta gente vêr”.

Outros registros nos mostram que mesmo em tempos republicanos, a escola ainda é uma instituição muito próxima de sua antiga progenitora, a Igreja Católica: “Dia 16 [de julho de 1898] Dia de Senhora do Carmo houve novena e Leilão na escola de Lili, acabou as 10 horas da noite”. Observemos outro registro: “Dia 17 [de março de 1899] fomos todos ao S. Francisco ouvir o Perdão. Cantado pelas meninas da Escola”. Neste sentido, o relato do dia 17 de outubro de 1908 é revelador da proximidade: “Dia 17 Foi sacramento p.^a Augusta m. erde João da Costa Depois as 1 hora da tarde O S.r D. Prudencio [] ... veio vizitar a escola de Nhola [,] Lili e João Athan ... na escola de Nholaelle fez discurço e teve Hinno Lili t.m bem.” A formação religiosa constituía um dos pontos principais do currículo escolar: “Dia 1º de Maio de 1911 Segunda Toto passou mal m.s depois melhorou Nhola e Lili forão levar as meninas da escola na Reza de Senhora das Graças”

À semelhança de Nhola, Lili também se esmerou na educação religiosa de suas alunas. Com conhecimento em música, foi a diretora do Coral da igreja do Rosário. Em matéria publicada no jornal *O lidador*, em 05 de outubro de 1916, temos um testemunho da participação de Lili na festa de Nossa Senhora do Rosário:

FESTA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO § Assim decorreu o Tríduo de N. S. do Rosário muito concorrido, e que diremos agora do dia da Festa. § Eram 5 horas da manhã: os sinos do Rosário repicaram alegres e chamavam o povo da capital à Missa da Comunhão geral: a Igreja regorgitava [sic] de povo. § Jubilosos e alegres aqui estavam também as cantoras do Rosário, as primeiras a saudarem naquele dia a Sua Mãe Celeste. As 7 horas o Revm.oP.eBrackmann acolitado pelo padre Franc.o e do diácono Alex.e Pereira subia ao altar para celebrar a missa do dia foi uma linda missa de Paletti que o Coro do Rosário executou naquele dia com toda perfeição desejável: os nossos sinceros parabéns à D. Lili Marques a sua Directora incansável e dedicada.¹⁴

¹⁴FESTA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO. *O lidador*, Cidade de Goiás, 05 out. 1916. Não paginado. Microfilme. Hemeroteca. IPEHBC/UCG.

A autora Célia Coutinho Seixo de Brito numa obra em que pretende divulgar a história de algumas mulheres goianas como importantes vultos femininos a serem lembrados e exemplados, informou que mestra Lili mais tarde anexou sua escola à de sua irmã, mestra Nhola, “aumentando mais ainda o movimento naquela casa”. Não podemos precisar a data desta junção.

Mariana Curado, por sua vez, afirmou que tanto Lili quanto Aninha ajudavam mestra Nhola nas atividades da escola. Talvez se reportando ao tempo em que Lili não tinha ainda sua própria escola (CURADO, 1981. p. 12).

Em junho de 1891, na notícia *Religião e indústria*, publicada no jornal *Estado de Goyaz*, o nome de Lili figurou ao lado de Nhola¹⁵. Em novembro de 1911, Anna Joaquina registrou: “Dia 12 Lili não deu aula p.rq’ [porque] estava assiando a escola Nesse dia Mariq.^a mudou da caza de D. Mariannap.rq’ ella vendeu p.^a o Hospital, *Mariq.^a foi p.^a caza onde era escola de Nhola*”¹⁶.

No início do século XX, a escola de mestra Lili deu fama (e nome) ao beco em que se localizava. Cora Coralina transformou suas lembranças íntimas do “beco da Escola” em matéria poética:

Um corricho, de passagem, / um dos muitos vasos comunicantes / onde circula a vida humilde da cidade. / Um bequinho de brinquedo, miudinho. / Chamado no meu tempo de menina / – beco da escola. / Uma braça de largura, mal medida. / Cinqüenta metros de comprido [...] avaliado. / Bem alinhado. Direitinho. / Beco da escola... / Escola de velhos tempos. / Tempos de velhas mestras. / Mestra Lili. Mestra Silvina. Mestra Inhola. / Outras mais, esquecidas mestras de Goiás. / [...] / O beco da escola é uma transição. / Um lapso urbanístico / entre a Vila Rica e a Rua do Carmo. / Tem janelas. / Uma casinha triste de degraus. / Velhos portões fechados, carcomidos. / Lixo pobre. / Aqui, ali, aparadas no muro, / umas aventureiras e interessantes flores de monturo. / Velhas mestras [...] Velhas infâncias [...] / Reminiscências vagas... / O bequinho da escola brinca de esconder. / Corre da Vila Rica – espia a Rua do Carmo. / É um dos mais singulares e autênticos becos de

¹⁵. “[...] as meninas das escolas dirigidas pelas exímias professoras sras. D. Pacifica Josephina de Castro e Luisa Joaquina da Silva Marques, vestidas de virgens, saudaram a neo conversa lançando sobre ella muitas flores e acompanharam-na ate sua residência onde foi-lhes servido um delicado banquete” (RELIGIÃO..., 27 jun. 1891, não paginado). Trata-se de uma comemoração: junto com o aniversário do padre Francisco Inácio de Souza, realizou-se também a cerimônia de conversão para o catolicismo da anglicana Cornelinha Oekinghaus, filha de um importante industrial da época, o sr. Theodoro Oekinhaus. Nesta data inaugura-se também sua fábrica (de sabão Rimel e comum, de velas de estearina, pomada, cosméticos e óleos para a toilette), na então capital goiana. Na inauguração, como nos informa o dito jornal, foi servido um “profuso copo de cerveja”. A comemoração se estende ao longo do dia, encerrando-se com um grandioso jantar para 130 convivas.

¹⁶. MARQUES, 1911.11.12. (Grifo nosso).

Goiás; / Tem a marca disfarçada dos séculos / e a pátina escura do Tempo. / Beco
recomendado a quem busca o Passado. / [...] / Simbolismo dos velhos avatares.¹⁷

Outras dimensões do cotidiano escolar são perceptíveis por meio da escrita memorialística de Anna Joaquina. Por exemplo, as manutenções dos espaços escolares: “[Dia] 16 [de dezembro de 1889] Derubou a 2ª parede da escola de Lili”. Contudo, acreditamos que os reparos eram feitos com certa frequência, diante das possibilidades de uma escola primária particular, claro. “Dia 26 [de agosto de 1898] Cahi o esteio da Escola de Lili.” Felizmente, acreditamos, talvez não houvesse feridos no acidente, visto que Aninha isto não nos noticiou.

Mestra Lili foi a última mulher desta peculiar família de dona Luisa a morrer. Acompanhou a morte de todos os entes queridos. Como estes não deixaram descendentes, em sua velhice, como dito, contava somente com a companhia de Benedita, criada pela família.

Em 1945, o Jornal Cidade de Goiás, noticiou sua morte.

Ocorreu no dia 22 de junho ultimo o passamento da D. Luiza Joaquina S. Marques, “Lili” veneranda professora nesta cidade e irmã de Mestra Nhola, que tantos benefícios proporcionou a varias gerações de estudantes desta cidade (CIDADE DE GOIÁS, 1 jul. 1945, não paginado).

Passados tantos anos após Anna Joaquina ter escrito seu *Memorial de Lembrança*, reencontramos alguns retalhos de Lili nas palavras de outra Aninha. Em uma das estórias dos “Becos de Goiás”, cosidas pela poetisa Cora Coralina, encontramos mais indícios da *enargheia* da velha mestra:

Mestra Lili [...] seu perfil: / Miudinha, magrinha. / Boa sobretudo. Força moral. / Energia concentrada. Espírito forte. / O hábito de ensinar, ralhar, levantar a palmatória, / afeiçoar-lhe o conjunto / - enérgico, varonil. / A escola da mestra Lili / era mesmo naquela esquina. / Casa velha – ainda hoje a casa é velha. / Janelas abertas para o beco. / Sala grande. A mesa da mestra. / Bancos compridos, sem encosto. / Mesa enorme dos meninos escreverem / Lições de escrita. / De ruas distantes a gente ouvia, / Quartas e sábados, cantada em alto coro / a velha tabuada (CORA CORALINA, 1993, p.118).

RETALHOS VISUAIS

¹⁷ CORA CORALINA. *Poemas dos becos de Goiás e Estórias Mais*. 17. ed. São Paulo: Global, 1993. p. 117-120. Mariana Curado creditou o nome do beco à presença da “escola primária que funcionava à sua entrada, dirigida por Marianinha Brandão Fleury” (CURADO, 1981, p. 11).

Agora, vejamos um registro fotográfico muito conhecido sobre a escola de mestra Nhola, irmã de Lili. Esta imagem foi originalmente publicada no livro do professor Bretas “História da Instrução Pública”, em 1991. Recentemente, o historiador Thiago Sant’Anna (2010) dedicou-se à sua análise.



Fig. : Alencastro Veiga [?]. “Turma de primeiras letras de mestra Nhola”. In BRETAS, 1991.

Em seu *Memorial de Lembrança*, Anna Joaquina fez o seguinte registro “nesse dia [21 de novembro de 1908] as 2 horas da tarde o S.r Jose de Alencastro veio p.^a tirar retrato da escola de Nhola nos todos tiramos com as meninas e meninos”. 11 dias depois, a autora fez outra referência: “Dia 2 [de dezembro de 1908] Eu fui no rio lavar a Cabeça nesse dia veio o retrato da escola q’. tirou dia 21 de 9br.^o”. Seriam esses registros relativos a fotografia em questão? Acreditamos que não. A partir das vestimentas femininas, inferimos que esta imagem foi produzida bem antes. Talvez, na década de 1870.¹⁸ Abaixo, apresentamos um recorte da fotografia. Seriam estas duas mulheres Anna Joaquina (à nossa esquerda) e mestra Lili (à direita)?

¹⁸. Nos arquivos de nossa entrevistada, dona Augusta Jeanneti, encontramos uma fotografia do irmão de mestra Lili Totó datada de 1869, com trajes bem semelhantes ao que vemos nesta imagem.



Fig. : Alencastro Veiga [?]. Detalhes. In BRETAS, 1991.

ARREMATAS

Várias outras informações sobre o cotidiano escolar de mestra Lili estão presentes no *Memorial de lembrança* de Anna Joaquina. Citamos aqui, um breve excerto, com o objetivo claro de chamar sua atenção para as possibilidades desta rica e extensa fonte histórica. Podemos ver nele também, para além do cotidiano profissional escolar, outras dimensões da experiência histórica de Lili. Claro é que isto mereceria um texto específico.

Para a proposta apresentada, por ora, consideramos suficiente o mosaico que construímos com estes retalhos do passado. Por meio dos indícios apresentados, diferentes em seus textos e linguagens, acreditamos ter possibilitado aos leitores sentir um pouco da *enargheia*, do calor da vida da velha mestra Lili que, a mais de meio século, aos 87 anos, morreu, num tempo e num espaço bem longe nosso. Será?

EPÍLOGO

Aquela colcha de retalhos que tu fizeste / Juntando pedaço em pedaço / foi costurada / Serviu para nosso abrigo em nossa pobreza / Aquela colcha de retalhos está bem guardada / Eu sei que hoje não te lembras dos dias amargos / Que junto de mim fizeste um lindo trabalho / E nessa sua vida alegre tens o que queres / Eu sei que esqueceste agora a colcha de retalhos / Agora na vida rica que estas vivendo / Terás como agasalho colcha de cetim /

*Mas quando chegar o frio no teu corpo enfermo / Tu hás de lembrar da colcha e também
de mim*¹⁹.

As mãos cosem retalhos de tecidos puídos que outrora formavam uma unidade e serviam em sua inteireza como lençol, fronha, calça, vestido. Ao final da costura dos retalhos temos uma nova colcha, mas não uma colcha nova. O velho foi reconfigurado e vive novo. O passado nos chega como retalhos. O profissional da história costura os pedaços do que foi, do ocorrido, reconstruindo sentidos, experiências, acontecimentos passados.

No exercício historiográfico, o passado chega para servir ao presente. Contudo, o que o profissional da história se assemelha a colcha de retalhos. O discurso histórico, em sua produção de sentidos, cobre a memória do se que passou, trazendo conforto para o frio que sentimos. Um frio que nasce da passagem do tempo, soprado pela boca do medo que anuncia o silêncio da morte futura.

Enfim, morreremos, como morreram mestra Lili, a curiosa Aninha, a forte dona Luisa, a mestra Nhola. Mas algo sobrevive. Na escrita da história, sobrevivemos à morte da experiência, à morte da memória. Nela, tornamo-nos sentido, consciência, tornamo-nos história.

SNIPS OF A FEMALE EXPERIENCE: MASTER LILI, PUBLIC TEACHER FROM THE GOIANA CAPITAL

ABSTRACT

The female teacher Luisa Joaquina da Silva Marques (1858-1945) was one of the first teachers in the state to receive training for the practice of teaching. In 1884, she joined the first class of the Normal School of Goiás and at age 31, she received her nomination for female teacher of girls, as a public employee. From there, her life energy left a series of pieces of fabric that are sewn in this text. From the Memorial, written by Anna Joaquina (1855-1932), sister of the mistress, as well as the memories transformed into poetry by Cora Coralina, a distinguished pupil of Lili, I put snips together to sew the quilt patchwork biographical of the old female teacher. In this work, I reconstituted the conditions for the exercise of teaching work in those historical circumstances, as well as the transformation of morality ongoing in society vilaboense between the late nineteenth and twentieth century.

¹⁹ Música de Raul Torres (1906-1970), composta em parceria com João Pacífico, na década de 1940, e interpretada pela dupla de cantores negros Cascatinha e Inhana, com registro em 1959.

Key-words: Luisa Joaquina da Silva Marques; Cidade de Goiás; History of Education; Morality.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. O discurso da história. In: _____. *O rumor da língua*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BATISTA, Anália Soria Batista; CODO, Wanderley. Crise de identidade e sofrimento. In: CODO, Wanderley (Org.). *Educação Carinho e Trabalho*. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 64.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Peões, pretos e congos*. Goiânia: Oriente; Brasília: Ed. UnB, 1977.

BRITO, Célia Coutinho Seixo. *A mulher, a história e Goiás*. Goiânia: Depto. Estadual de Cultura/P.D. Araújo Livraria/Editora Cultura Goiana, 1974.

CARVALHO, Euzebio Fernandes. *O rosário de Aninha: os sentidos da devoção rosarina na escritura de Anna Joaquina Marques (Cidade de Goiás, 1881-1930)*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, 2008.

CARVALHO, Euzebio. *O memorial de Anna Joaquina da Silva Marques: 1881-1930. Relatos do Cotidiano Familiar em Goiás*. 2002. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em História) - Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2002.

COELHO, Gustavo Neiva (Org.) *Ferrovias: 150 anos de arquitetura e história*. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2004. p. 13.

CORA CORALINA. *Poemas dos becos de Goiás e Estórias Mais*. 17. ed. São Paulo: Global, 1993.

COSTA, Lena Castelo Branco Ferreira. *Arraial e Coronel*. Dois estudos de História Social. I – Meia Ponte: de arraial a cidade. II – Um coronel do Meio-Norte. São Paulo: Cultrix, 1978. p. 70.

CURADO, Mariana Augusta Fleury. *Rua do Carmo: crônicas e artigos*. Goiânia: Líder, 1981. p. 12.

LANGUE, Frédéric. O sussurro do tempo: ensaios sobre uma história cruzada das sensibilidades Brasil-França. In ERTZOGUE, Marina; PARENTE, Temis. *História e sensibilidades*. Brasília: Paralelo 15, 2006. P.21-32.

LLECH, Frei Germano. *A ordem Dominicana em Goiás*. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, Goiânia, ano 4, n. 5, 1976. p. 191.

MORAES, Joaquim de Almeida Leite Moraes. *Apontamentos de viagem*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995. p. 111-112.

NÓVOA, António. *Para o estudo sócio-histórico da gênese e desenvolvimento da profissão docente*. Teoria e Educação. N. 4. 1991, p. 109

PALACIN, Luiz; BORGES, Ana Maria. *Patrimônio Histórico de Goiás*. Goiânia: J. Câmara S/A, [1979?]

POHL, Joahann Emanuel. *Viagem no Interior do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da USP, 1976 (Coleção Reconquista do Brasil, v.14).

PRUDENTE, Maria das Graças Cunha. *O silêncio no magistério professoras na instrução pública na província de Goyaz século XIX*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica de Goiás. 2009.

RIBEIRO, Miriam Bianca Amaral. *Memória, família e poder: história de uma permanência política: os Caiado em Goiás*. 1996. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1996. p. 133.

SANT'ANNA, Thiago; MUNIZ, Diva do Couto Gontijo. *Meninas pra lá, meninos pra cá: a experiência de escolarização na Província de Goiás*. Caderno Espaço Feminino (Online). , v.23, p.10 - 25, 2010.

SILVA E SOUZA. *Memória sobre o Descobrimento, Governo, População, e Couzas mais Notáveis da Capitania de Goyaz*. In: TELES, José Mendonça. *Vida e obra de Silva e Souza*. 2. ed. Goiânia: Ed. da UFG, 1998.

SILVA, Eduardo Duarte. *Passagens: autobiografia de dom Eduardo Silva, bispo de Goyaz*. Goiânia: Ed. da UCG, 2007. p. 93.

SOUZA FILHO, Eduardo H. *Nos tempos de Goyaz: crônicas e poematos*. Goiânia: UNIGRAF, 1981.

TAUNAY, Visconde de. *Goyaz*. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1931. p. 13.

TOUNIER, Fr. Reginaldo (Org.). *Mapa do Estado de Goyaz*. 1º Centenário de Goyaz-Cidade. Goiás, 1913. Missionário Dominicano. [Cópia. Mapoteca. IPEHBC/UCG].